



GANTKE, Wolfgang; SERIKOV Vladislav (Orgs.): *Das Heilige als Problem der gegenwärtigen Religionswissenschaft*. Frankfurt: Peter Lang, 2015. ISBN: 78-3-631-65400-2, 143p.

Frank Usarski*

Desde a “fase quente” da crítica à fenomenologia da religião na tradição de Rudolf Otto, nas décadas de 1970 e 1980, têm surgido diversas publicações em defesa desta abordagem¹ ou em prol da revitalização e aplicação da mesma em pesquisas realizadas no âmbito da Ciência da Religião². O título do livro aqui resenhado (em português: “*O sagrado como problema da Ciência da Religião contemporânea*”) aponta nessa direção e atrai leitores interessados em uma discussão epistemológica e metodológica que culmina na questão da diferenciação entre a Ciência da Religião e a Teologia - e, portanto, é de suma importância para a demarcação das fronteiras e da identidade da primeira. A publicação é fruto de dois eventos, a saber, o painel *O Sagrado como problema da Ciência da Religião: perguntas e perspectivas*, do XXXI Congresso da Associação Alemã para a Ciência da Religião (Deutsche Vereinigung für Religionswissenschaft), realizado em setembro de 2013 em Göttingen, e do simpósio *A discussão sobre o sagrado: velhas perguntas – novas respostas*, que ocorreu em novembro de 2013 na Universidade de Frankfurt.

Segundo a introdução à coletânea, o “sagrado” tornou-se um conceito suspeito especificamente devido a obras de teóricos associados ao chamado *cultural turn*. Mesmo assim, em diversos contextos acadêmicos nacionais, a discussão sobre o conceito está viva. Enquanto o debate se fechou quase por completo na Alemanha e perdeu força em países anglo-saxônicos, comunidades científicas na Europa do Leste, no Extremo Oriente e na América Latina têm se mostrado relativamente imunes às críticas ao conceito. Sob essas condições, o livro pretende - segundo seus organizadores - problematizar a origem ocidental cristã de um conceito universalizado, identificar os motivos de sua aceitação ou rejeição e refletir sobre sua potencial contribuição para a superação de preconceitos inter-religiosos. O corpo do livro é composto por onze artigos organizados de acordo com a ordem alfabética dos autores. Na introdução, os organizadores Wolfgang Gantke e Vladislav Serikov associam as contribuições a três blocos temáticos, a saber: o primeiro,

* Livre docente e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Contato: usarski@pucsp.br

¹ Por exemplo, Joas, Hans, *Säkulare Heiligkeit. Wie aktuell ist Rudolf Otto?* In: Otto, Rudolf : *Das Heilige. Über das Irrationale in der Idee des Göttlichen und sein Verhältnis zum Rationalen* (1917), München: Beck 2014, S. 255-281.

² Por exemplo, Tymieniecka, Anna-Teresa (ed.): *From the Sacred to the Divine - A New Phenomenological Approach*, Dordrecht: Springer 1994; Michels, Axel, et.al.: *Noch eine Chance für die Religionsphänomenologie?* Ben, Peter Lang 2001; Cölln, Sebastian: *Can Science Be Enchanting? Ways to a Phenomenology of Religion in the Post-Modern Age*, *Zeitschrift für junge Religionswissenschaft*, Vol. III, 01/2008, pp.28-42; Righetti, N.: *The sacred in current social sciences research*. *Italian Sociological Review*, 4 (1), 2014, pp.133-163.

formado por artigos com referência explícita a Rudolf Otto e sua obra “Das Heilige” (“O Sagrado”); o segundo, por capítulos que discutem a categoria do “sagrado” em relação a investigações histórico-culturais, empíricas e fenomenológicas no âmbito da Ciência da Religião; e o terceiro, por contribuições teóricas em prol da defesa e/ou renovação do conceito de “sagrado”.

A primeira sessão da coletânea é inaugurada pelo ensaio “*Wer das nicht kann, ist gebeten nicht weiter zu lesen. Otto als Paradigma einer unzeitgemässen Methodologie?*” O autor Roderich Barth, professor de Teologia Sistemática Protestante na Universidade de Giessen, aborda as frases polêmicas com que Otto dividiu seu público entre leitores dignos e leitores incapazes de acompanhar o raciocínio da sua obra magna - trata-se de seguinte trecho, encontrado no início do capítulo três:

Convidamos o leitor a evocar um momento de forte excitação religiosa, caracterizada o menos possível por elementos não religiosos. Solicita-se que quem não possa fazê-lo ou não experimente tais momentos não continue lendo. Pois, quem conseguir se lembrar das sensações que experimentou na puberdade, de uma prisão de ventre ou de sentimentos sociais, mas não de sentimentos especificamente religiosos, com tal pessoa é difícil fazer Ciência da Religião.³

Barth joga luz no contexto sociocultural em que a frase foi formulada e associa a abordagem de Otto ao “paradigma de uma metodologia intempestiva”. Lembra que “o Sagrado” foi redigido em uma época marcada pela forte crítica à religião e a ascensão de disciplinas caracterizadas pelo princípio metodológico de explicar a religião por fatores “não religiosos”. Otto escreveu seu livro nesse clima “hostil” em oposição a tais abordagens e quis provocar seus representantes questionando a relevância de fatores psicológicos (“sensações experimentadas na puberdade”), fisiológicos (“prisão de ventre”) e sociológicos (“sentimentos sociais”) para o entendimento dos fundamentos da religião. Conforme Barth, Otto não reagiu de maneira impulsiva aos protagonistas de ciências empíricas. Pelo contrário, já demonstrava sua postura em sua tese de licenciatura sobre a espiritualidade de Martin Lutero, em que identificou um enigma impenetrável da religião constituído por elementos não dedutíveis. Argumentos como o de que a religião seria um fenômeno “*sui generis*” e termos técnicos como o “tremor sagrado”, encontrados na obra sobre Lutero, apontam para uma programática decisiva ao trabalho na íntegra de Otto.

O ensaio *Das Numinose als Kategorie: Beobachtungen zu einem religionstheoretischen Zentralbegriff*, de autoria de Marianne Schröter (docente na área de Teologia Sistemática e integrante da Faculdade de Teologia na Martin-Luther-Universität Halle-Wittenberg), é o segundo texto do bloco de artigos com referência explícita a Rudolf Otto e sua obra. A autora chama atenção para a falta de precisão de linguagem de Otto e afirma que tal imprecisão não é uma falha ingênua do fenomenólogo alemão, mas uma consequência da natureza de seu objeto. Ela adverte os leitores de “O Sagrado” acerca do risco de uma leitura “imediatista”, uma vez que a obra aponta para uma dimensão *sui generis* que transcende os limites da linguagem, o que faz com que expressões como “o numinoso” sejam incapazes de capturar a realidade subjacente à palavra. Um entendimento adequado da teoria de Otto, portanto, exige do leitor a faculdade de “sentir” o sagrado. A indução dessa experiência seria o verdadeiro objetivo da obra de Otto.

³ Otto, Rudolf: O Sagrado. Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional, São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes 2007, p.40.

Die Kommunikation mit dem Heiligen: Rudolf Ottos Interpretation der Bhagavadgita é título do terceiro texto do primeiro bloco temático. Seu autor, Vladislav Serikov, docente na área de Diálogo Inter-Religioso na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Frankfurt, interessa-se pelas contribuições de Rudolf Otto para o estudo da religiosidade indiana, particularmente a associada ao *"Bhagavad-Gita"*. No total, foram cerca de 30 ensaios em que Otto abordou temas relacionados ao Hinduísmo. Dois deles, publicados em 1934 e 1935, tratam do *"Bhagavad Gita"*. Em 1935, Otto publicou também uma tradução completa dele do texto hindu para o alemão. Essas publicações comprovam que Otto foi um dos primeiros pesquisadores ocidentais interessados na contextualização e no papel redacional do *"Bhagavad-Gita"* dentro do *"Mahabharata"*. Em *"Das Heilige"*, Otto citou o *"Bhagavad-Gita"* como exemplo de poesia numinosa.

Sven Lichtenecker, Martin Mittwede e Natalia Diefenbach são os autores cujos capítulos abordam aspectos do segundo bloco temático, referente à questão da utilidade e validade do conceito de sagrado para a Ciência da Religião contemporânea.

O artigo *Das Heilige und die Tempelstruktur*, de Sven Lichtenecker (museólogo na "Casa da Bíblia", em Frankfurt), parte de ideia de que a maneira como grupos humanos se relacionam com uma força venerada como sagrada segue a tendência de atribuir ao "sagrado" características que correspondem às condições vitais experimentados pela comunidade em questão. Nesse sentido, é típico para povos nômades imaginar o "sagrado" como algo móvel, ou pelo menos, não permanentemente ligado a um lugar fixo. Esse conceito tem consequências para o desejo de se relacionar com "o sagrado", por exemplo, através dos sacrifícios oferecidos à força venerada. Uma vez que a última não está permanentemente ligada a um espaço definido é preciso invocá-la, ou seja, convidá-la para um lugar em que esteja temporariamente presente para receber as oferendas a ela destinadas. Faz parte da hospitalidade dos nômades oferecer a seus convidados as melhores comidas e bebidas. Após a realização do ritual, a força sagrada sai do lugar do sacrifício. Diferentemente, culturas sedentárias identificam lugares naturais - como montanhas, grutas, bosques ou fontes -, como espaços do encontro com o sagrado. Frequentemente, esses lugares são sujeitos de uma elaboração arquitetônica mediante a qual a sacralidade do lugar é transferida à construção.

O capítulo da cientista da religião Natalie Diefenbach, *Der Menschenkörper und das Heilige*, representa uma tentativa de resumir a discussão recente sobre a relação íntima entre religião e corpo à luz de termos e esforços tipológicos paradigmáticos para a Fenomenologia de Otto. Diefenbach afirma que, do ponto de vista fisiológico, a corporeidade humana representa o pré-requisito crucial para a percepção do sagrado, o que é uma das razões para o destaque de exercícios corporais nas diferentes tradições religiosas. Ao mesmo tempo, o corpo é o instrumental mediante o qual a experiência do sagrado é externada em doutrinas, veneração de objetos, ritos etc. O corpo é conceitualmente relevante, também, no sentido de um imaginário religioso referente a "fisiologias celestiais". Em diferentes tradições, corpos divinos, por exemplo, são representados com diversos braços ou cabeças para destacar suas capacidades extraordinárias e poderes supra-humanos. Paralelamente, existem especulações religiosas sobre a transformação do corpo convencional em uma entidade sutil no momento da morte. Além disso, Diefenbach lembra da importância simbólica de determinadas partes do corpo nas religiões, como, por exemplo, o órgão sexual de Shiva (*lingam*), o coração de Jesus, bem como ossos, dentes, sangue e outros elementos corporais venerados como relíquias.

O capítulo de Martin Mittwede, *Die heilige Transzendenz und empirische Forschung: Überlegungen und Perspektiven*, afirma que os esforços para destacar o caráter empírico de sua disciplina têm suas raízes na busca por fronteiras entre a Ciência da Religião e a Teologia em prol da legitimação da primeira. Consequentemente, um procedimento no âmbito da CRE torna-se não científico na medida em que se abandona o quadro referencial de fatos históricos e se desenvolve ou propaga uma cosmovisão religiosa. Esse rigor, porém, não deve fechar a Ciência da Religião para impulsos de insights externos. Nesse sentido, Mittwede destaca a possível contribuição de pesquisas neurobiológicas interessadas em padrões corporais relativos a experiências subjetivas, inclusive correlações entre modificações fisiológicas e estágios de consciência alterados interpretados como “espirituais” pelos sujeitos investigados. Pesquisas desse tipo representariam opções metodológicas legítimas do ponto de vista de cientistas da religião comprometidos com o ideal de uma disciplina empírica e, portanto, devem ser incorporadas às suas pautas acadêmicas.

O terceiro bloco temático da coletânea reúne os ensaios de cinco autores cuja simpatia evidente pela abordagem de Rudolf Otto repercute no intuito de afirmar a pertinência acadêmica da categoria “sagrado”.

No capítulo *Die Diskussion um das Heilige vor dem Hintergrund der Krise des Naturalismus*, Wolfgang Gantke, professor de Ciência da Religião e Teologia das Religiões na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Frankfurt, lamenta a tendência atual de excluir a fenomenologia da religião do pluralismo metodológico que seria característico de uma Ciência da Religião e argumenta a favor de uma reabertura do pensamento acadêmico para o fenômeno do “sagrado”. Atribui a exclusão da fenomenologia da religião do espectro de abordagens à orientação do pensamento europeu naquilo que é calculável, mensurável e controlável, ou seja, no paradigma naturalista e sua busca de reduzir a religião a raízes não religiosas. Porém, apesar de uma alusão a autores que problematizam as pretensões da cosmovisão ocidental, o artigo de Gantke não chega a elaborar metodologias alternativas que poderiam substituir o chamado “naturalismo” no âmbito da Ciência da Religião empírica.

No artigo *Die Bedeutung des “Heiligen“ für die Erklärung von Religion*, Perry Schmidt-Leukel, professor de Ciência da Religião e Teologia Intercultural na Universidade de Münster, confronta a Fenomenologia da Religião com a abordagem naturalista. Diferente da última, que, segundo Schmidt-Leukel, explica a religião por meio de motivos e causas intramundanos, a fenomenologia da religião toma como garantida a existência da transcendência como fato ontológico e busca uma terminologia que transcenda o vocabulário particular de uma determinada tradição religiosa. Nesse sentido, a expressão “sagrado” representa um conceito de transcendência não limitado à ideia monoteísta de Deus. De acordo com essa abordagem, Schmidt-Leukel exige do cientista da religião uma abertura para a transcendência. A conceptualização mais adequada dessa ideia encontrar-se-ia no conceito do “real” elaborado pelo filósofo da religião e teólogo John Hick. Para Hick, o “real” deve ser pensado em dois níveis, isto é, “o real” em si e o “real” experimentado pelo ser humano. Enquanto o real no primeiro sentido corresponde ao conceito de um absoluto universal, o real no segundo sentido assume articulações particulares dependentes do contexto cultural em que a experiência do “real” ocorre. Isto explica porque, em algumas tradições, o “real” é concebido como um Ser pessoal e, em outras, como um princípio impessoal.

O artigo de William Schmidt, *Das Heilige als Phanomen des Seins: Ontologie und Ideologie*, pretende oferecer um resumo da discussão sobre o “sagrado” na Rússia.

Segundo Schmidt, (professor de Ciência da Religião na Russian Presidential Academy of National Economy and Public Administration, de Moscou), o conceito representa um valor crucial em qualquer cosmovisão produzida pelo ser humano. Apesar dessa afirmação, o artigo não faz referência alguma aos protagonistas clássicos do debate; é escrito em uma linguagem hermética, o que dificulta o acompanhamento do raciocínio do autor.

Descontextualizado de reflexões sobre a fenomenologia da religião e suas categorias em sentido estrito, o capítulo de Edmund Weber (*Die Religion, das Heilige und die Kultur. Zur dialektischen Dynamik von Sakralität und Kulturalität der Existenz als genuinem Thema authentischer Religion*) retoma a discussão antropológica sobre a situação existencial do ser humano, a principal indeterminabilidade da realidade e a função que a religião cumpre na tentativa de dar sentido à vida. Para o autor (professor de Ciência da Religião e Teologia Histórica da Faculdade de Teologia Evangélica de Universidade de Frankfurt), o “sagrado” representa a consciência ambígua da liberdade do ser humano. Por um lado, desperta criatividade em prol da evolução da cultura. Por outro, assusta por confrontar o ser humano com a própria fragilidade diante da incapacidade de construir uma cosmovisão fechada e estável. Na medida em que o lado “negativo” dessa dinâmica prevalece, cresce o risco de surgimento de ortodoxias que reagem de maneira opressiva a formas alternativas do fascínio com o sagrado, denunciando-as como heresias.

O autor provavelmente mais fiel à fenomenologia da religião de Rudolf Otto é Hamid Reza Yousefi, docente na área de Filosofia Intercultural da Universidade de Koblenz e autor do capítulo *Das Heilige mit vielen Namen: Nächstenliebe als Grundlage der religiösen Toleranz*. Isso já se torna evidente pela maneira como Otto e sua obra são celebrados em diferentes partes do texto (por exemplo, Rudolf Otto como “arquiteto do sagrado [...] que nos introduz ao Reino do Sagrado “ [p. 133]). De acordo com essa apreciação, Yousefi afirma que o sagrado é o elemento constitutivo de todas as religiões como consequência à saudade primordial religiosa no ser humano. Devido à distribuição desigual da sensibilidade por esta dimensão de vida, esta dimensão da existência é percebida em diferentes graus de intensidade no mundo humano. Ao mesmo tempo, a tradução da experiência individual em dogmas aumenta o risco de que o “sagrado” perca sua autenticidade no âmbito das tradições. Por outro lado, o reconhecimento do fato de que, apesar de ter assumido muitos nomes no decorrer da história das religiões, o sagrado é uma ponte entre as religiões, contribui para a tolerância diante do pluralismo religioso.

Uma leitura detalhada das diferentes partes do livro leva à conclusão de que a coletânea cumpre o que o título *Das Heilige als Problem der gegenwärtigen Religionswissenschaft* promete: é correto afirmar que o sagrado continua a ser um problema para a Ciência da Religião contemporânea. Porém, não no espírito pronunciado pelos organizadores na introdução, mas, sobretudo, no sentido das diversas críticas formuladas do ponto de vista de paradigmas não fenomenológicos atualmente predominantes em nossa área. Os três artigos do primeiro bloco temático da coletânea oferecem um esclarecimento acerca de determinados aspectos da obra do Otto e o contexto do seu surgimento: leitores com interesse no trabalho de Otto enquanto contribuição para a situação da Ciência da Religião na primeira metade do século XX encontram nos ensaios de Barth, Schröter e Serikov um material secundário bastante útil. Quem, porém, procurar argumentos metateóricos a favor da fenomenologia da religião, acabará decepcionado pela leitura. Algo semelhante vale para os cinco ensaios do último

bloco temático, cujos autores demonstram-se imunes aos inúmeros argumentos articulados contra a fenomenologia clássica da religião no decorrer das últimas décadas. Em vez disso, perpetuam as ideias de Otto por meio de estratégias discursivas específicas, tais como: a) uma apropriação “ingênua” da categoria do sagrado e outros conceitos de Otto (Yousefi); b) a substituição do conceito do “sagrado” por um sinônimo denotativamente idêntico (Schmidt-Leukel); c) o uso “livre” da expressão “sagrado”, ignorando por completo a substância semântica e contexto teórico original do termo técnico (William Schmidt; Edmund Weber); d) o postulado axiomático do status *sui generis* da religião apenas reconhecido pela fenomenologia da religião em oposição ao cientificismo inadequado do chamado “naturalismo” (Wolfgang Gantke). O caráter problemático do sagrado em particular e da fenomenologia da religião em geral torna-se indiretamente também evidente nos textos do segundo bloco, cujos autores prestam uma homenagem ao vocabulário de Otto sem que a temática por eles abordada exigisse tal cerimônia retórica. As reflexões de Diefenbach sobre o corpo como elemento crucial da religiosidade humana, respostas de Lichteneker à questão sobre como e onde povos nômades e sedentários organizam seus cultos e a apreciação de pesquisas neurobiológicas (Mittwede) não teriam perdido nada se os autores tivessem desistido do hábito de ornamentar algumas frases dos seus textos com o substantivo “o sagrado”.

Recebido: 05/09/2015

Aprovado: 29/10/2015